

EDITOR PROPRIETARIO
JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

A MULHER ROUBADA



FC-815

Leandro Gomes de Barros

Props. Filhas de José Bernardo da Silva

A Mulher Roubada

Leitor, eis a minha história
não sei se alguém acha boa;
no princípio verá logo
se será história à toa,
escrevo um caso que deu-se,
na cidade de Lisboa

Trata de Minerva Albeiro
uma senhora casada,
nascida em Panafiel
em Vila Rica criada,
e na cidade do Porto,
foi ela lá educada

Casou-se com Paulo Albeiro
homem também educado,
porem vivia no mar
aonde era empregado,
custava a tocar em casa
devido o viver vexado

O Paulo com a mulher
tinha ambos consultado
ele trabalhar seis anos,
e juntar o ordenado
e irem morar numa quinta
que Minerva tinha herdado

Minerva tinha uma áia
 que ajudou-a criar
 quando Minerva casou
 ela não quis a deixar
 Minerva também por si,
 ela não quis desprezar

Morava em uma quinta
 quase dentro da cidade,
 a vizinhança dali,
 toda lhe tinha amizade
 ela costurava muito,
 roupas daquele arcebalde

Paulo trouxera de Cuba
 um mulato alaranjado,
 e botou ele na horta
 para lá ser empregado
 limpar a horta e plantar
 e fazer qualquer mandado

Um dia Minerva achou
 que o mulato era atrevido
 saltou-lhe com o respeito
 por ela repreendido
 dizendo Minerva e ele
 que dava parte ao marido,

Chamava-se esse indivíduo
 Aureliano Mulato
 por andar muito macio
 alguns chamavam-lhe Gato
 esse nome para ele
 quadrava como de lato,

Minerva um dia o mandou
 a rua comprar semente
 de alface, couves e nabos

que era necessariamente
mas recomendou a ele
a viagem muito urgente

Prentamente ele saiu
tagarelando uma lã
encontrou um estrangeiro
dizendo: que estava à tã,
porque era americano
e não conhecia Lisboa

Pediu-lhe para levar
a uma hospedaria
porque ele era estrangeiro
só podia andar com guia
e levasse em casa seria
que depois o pagaria

Passaram pelo portão
do dilo Paulo de Albeiro
Minerva estava nas quintas
plantando flor num castelro
o americano viu-a
estando por traz dum pinheiro

Então exclamou consigo:
oh! que mulher elegante
os olhos dela parecem
o reflexo dum brilhante
é impossível que haja
criatura tão elegante!

A boca tão encarnada,
as freças como um retrós
e cintura é um anel
deve ter bonita voz
se eu pudesse ter a dita
de conversarmos a sóz!

Disse o mulato a Minerva
 ir a sua hospedaria,
 levar um americano
 que nada ali conhecia,
 e então lhe prometeu,
 que com pouco voltaria

O maldito americano
 não esqueceu mais Minerva,
 fez do seu nome uma coisa
 que a gente bota em conserva
 um objeto de luxo
 que o dono bota em reserva

Fazia calculos consigo:
 como hei de conquistá-la?
 que fingimento usaria
 para hoje visitá-la?
 posso morrer cruelmente
 mas um dia hei de gozá-la

Quem sabe se esta mulher
 não teria aparecido
 para eu poder pagar,
 o que tenho cometido?
 se ela for minha desgraça,
 eu já sei que estou perdido

Então chegou no hotel
 foi muito bem recebido,
 puxou dez libras do bolso,
 fingido-se agradecido,
 e deu-as ao portador,
 que ali o tinha trazido

O mulato muito alegre
 lhe disse: muito obrigado:
 cada uma libra daquela

era dois meses de ordenado
e por isso admirou-se
de tanto lhe terem dado

Disse ele ao mulato:
eu preciso lhe falar
mas a conversa é extensa
só pode ser de vagar
você de noite apareça
eu tenho que lhe tratar

Eu sou dono do navio
que entrou para o estaleiro
sou o dono e capitão
tenho crédito e dinheiro
farei de você feliz
se não me for traiçoeiro

As onze horas da noite
o mulato lá chegou
ele ainda o esperava
tanto que alegre ficou
entrando para uma alcova
ele aí explicou

Solteitou do mulato
se Minerva era casada
então lhe disse que era
perguntou se era honrada
o mulato aí contou:
aquilo é uma lanada

Disse o mulato: o marido
chama-se Paulo de Alheiro
tem trinta anos de idade
é musculoso e ligeiro
há vinte anos que vive
na vida de marinhaire

E comandante da barca
 chamada «Polo do Norte»
 o contra-mestre da barca,
 chama-se Felix Mão Forte
 é até da irmandade,
 da Virgem da Boa-Morte

Vossa mercê vá pra lá
 diga que foi companheiro,
 e é amigo íntimo
 do dito Paulo de Alheiro,
 pois para falar com ela,
 este é o ponto certo

Porque nós estamos em março
 ele só chega em dezembro,
 a vossa mercê lhe fala
 e volta cá em setembro,
 demora-se aqui no ponto
 até o mês de novembro

Então formaram o projeto
 ele ficou animado,
 deu mais dez libras ao tal
 por ter bem lhe informado
 e disse: se eu conseguir,
 dou-lhe um dinheiro avultado

No outro dia às dez horas
 foi só, não quis companheiro
 então chegou ao portão,
 perguntou a um porteiro,
 se aquela propriedade,
 era de Paulo de Alheiro

Respondeu então que era
 disse que era empregado;
 indagou se a mulher

tinha em Lisboa ficado,
 — Ficou, disse o tal sujeito
 e está ali no sobrado

O sujeito era o mulato
 mas estava todo flingido;
 de forma que esta conversa
 Minerva tinha ouvido
 como bem, ele dizer,
 que era amigo do marido

— Faz favor dizer a ela
 que lhe desejo falar?
 Já que não encontrei Paulo
 com quem gosto de trocar
 desejo conhecer ela,
 que quero a cumprimentar

Minerva quis lhe mandar
 dizer que estava ocupada,
 sem lhe dar demonstração
 de gente mal educada,
 queria que se dissesse
 que ela era delicada.

O mulato deu o recado
 e ela disse: mande entrar
 tinha aí um vizinho
 que lhe viera visitar
 ela foi para uma sala,
 e o mandou se sentar.

— Bom dia, disse o recente
 — Tenha o mesmo, cavalheiro;
 perguntou ele; a senhora
 é esposa de Alheiro?
 um meu amigo distinto,
 e muito bom companheiro

—Seu eu uma sua criada;
 —Estou-lhe muito obrigado
 dizia o facinoroso
 tremendo num fraseado:
 há 6 meses que disseram-me
 que Paulo estava casado

Minerva o interrogando:
 como se chama o senhor?
 respondeu: o meu nome
 é Pekin de Wartelôr
 eu fui colega de Paulo
 fomos de um só professor

Soube que morava aqui
 embora que ele não está
 eu vim só ver a senhora
 já que ele anda por lá
 quando ele voltar lhe diga
 que Pekin andou por cá

O maldoso estudou bem
 e depois de lhe ter lido
 honestidade e pudor
 disse a si mesmo: perdido
 esta aqui pode morrer
 mas não é falsa ao marido!

Ergueu-se e disse a Minerva:
 licença que vou chegando
 tenho um navio no dique
 e deixei-o consertando
 só vim cá cumprimentá-la;
 e lá se retirando

—Obrigada, disse ela
 por se ter incomodado
 —Incomodo nenhum, senhora

precisando dum erlado
estou sempre às suas ordens
para servi-la me aguardo

E lhe apertando a mão
se despediu e saiu
Minerva rapidamente
uma tristeza sentiu
uma lágrima de sangue
sobre seu colo caiu

Minerva exclamou: é sangue?
já perturbando o sentido
o que acontecerá
a mim ou a meu marido?
isso será um sinal
que Paulo tenha morrido!

O miserável saiu
de todo contrariado
dizendo consigo mesmo:
meu plano foi todo errado
se o marido dela vir
fica mais atrapalhado

Chamou o mulato e disse:
deposito em sua mão
o caso mais melindroso
de mais consideração
você ganha o que exigir
se sair bem da missão

Eu tenho trinta e seis anos
tenho um grande capital
tenho seis milhões em libra
posto no banco real
olte em França, dez na Grécia
quatre aqui em Portugal

E disse tome seis mil libras
 para o que h'aver precisão
 seja sagaz e ativo
 tome muita precaução
 não copie este segredo
 nem ao próprio seu irmão
 e para daqui a dois dias
 vá para Noruega
 por lá eu posso saber
 sobre Paul e a sua
 e o que está a matá-lo
 meu espírito não se esgota

Na Noruega então soube
 que Paulo foi para o norte
 estava encalhado no gelo
 já em perigo de morte
 disse Pekin essa nova
 me vem mostrar de perto
 e soube em pessoa dele
 que estava preso ao gelo
 já quase representando
 se não viesse algum perito
 talvez tivesse morrido

Paulo quando viu Pekin
 não pode ter alegria
 o olhando mais de perto
 todo corpo lhe tremia
 o traído tanto ficou
 como criança e riu
 Pekin sabia falar
 hebraico, alemão, inglês
 francês e espanhol

Pekín perguntou a Paulo
o nome do cavalheiro?
então o rapaz lhe disse
Paulo de Sales Azei-
dese Pekín eu me chamo
Paulin, de Sá Avelar

Depois de um mês e dez dias
disse Pekín, estou d'ente
desta sei que não, esapo-
co ~~co~~ perfeitamente
sem esta minha molestia
nunca escapei um vivente

Paulo ficou muito aflito
quando assim o viu gemer
chamou Paulo e lhe disse
não posso mais escrever
nem nova da minha morte
minha mulher lá de ter

Oh Nervina querida
a morte me veio pr'var
os reveses da fortuna
me pr'ibem de g'zar
o que julguei a principio
longos anos d'sfrutar

Tu eras o objeto
de mais gosto para mim
mas a mão de Providên-
ja julgou o contrário assim
talhou do céu um decreto
para a morte dar me fim

So Deus não admirava
vendo esse monstro exclamar
pobre de Paulo inocente

sem nada desconfiar
 não sabia que era uma trampa
 que o traidor lhe ia armar

Disse a Paulo, escreva aqui
 uma carta a minha mulher
 e quando eu morrer remeta
 no lugar que ela estiver
 embora que ex'ça dela.
 a quantia que quiser

O leitor veja, Pekin
 que lê a escacheva,
 a letra do próprio Paulo
 na forma que ele escreveu.
 indo às mãos de Minerva
 era de crê que morreo

Na carta vinha o seguinte
 «adeus esposa querida
 «chegou agora os últimos
 «momentos de minha vida
 «então escrevo te esta carta
 «por lembrança e despedida

«O portador desta mesma
 «lava a minha embarcação,
 «promete, se não morrer
 «entregá-la a meu patrão,
 «como também esta carta
 «entregar em tua mão

«Tenho um pedido a fazer te
 «se acaso quiser casar
 «procura um homem distinto
 «que possa estado te dar,
 «eu preferia Pekin
 «um amigo que tenho no mar

Paulo Near sepultado
 matar a tripulação
 depois voltar desarmado
 Paulo seguia na frente
 na margem do rio passou
 e Fekio que vinha atrás
 bem nas costas lhe atirou
 ele caiu dentro d'agua,
 a crença levou

Pekio dizia e o amigo
 agora principiei
 a obra está em caminho.
 não sei quando acabarei,
 o que havia mais custoso
 eu já desembarecei

Voltou ao navio de Paulo
 disse que Paulo dizia,
 que a tripulação jantasse
 que ele lá mesmo dormia
 estava enfiado da caça
 voltava no outro dia

Achoa tudo desarmado
 se dirigiu a cozinha
 num instante envenenou
 toda comida que tinha
 voltou dizendo consigo
 caçada tarde esta minha'

De vinte e dois marinheiros
 somente um escapou.
 por ser muito experiente
 por isso foi que ficou.
 desconfiado do caso
 foi se deltar não jantou

Quando viu a mortandade
 que se barcolava rido
 disse: «é o fim da faz
 da pilloresca e cruel»
 Já se foi a certeza
 que não se consumiu

marloteiro exclamou:

— Foi morto o meu comandante
 foi aquele traidor
 ajudado num instante
 por quem se não morresse,
 levava a questão avante

Olhou para o lado ao de
 barco de fora estava
 este já tido ao mar
 ele correu e murmurava
 pensando sem acertar
 como se se vingava

Pensava o velho grumete
 — não havia de escapar,
 naquele lugar estranho
 sem o pôda salvar?
 Outra embarcação al
 ara custoso de encontrar

Determinou ir pra ilha
 a fim de ver se escapava
 e para ver se alguma caça
 ou algum peixe ali pegava
 pedindo a Deus que mostrasse
 qual era barco que passava

Tomou um bote e saiu
 como um ente sem sentido,
 de manhã estava chorando

ouvia um grande gemido
quando foi ver era eu il
que ainda não tinha partido

Pekla veio ver ao maná
se tinha alguém ocupado,
achou o barco deserto
e lá estava se acabando
sorri com um sorriso triste
que se perdessem o malvado

Mandou levantar ferro
sem que se fizesse um
dardo uma lança exposto
no ar, destino de o braço
dizendo esta é minha parte
de concluir minha obra

Porém Deus é grande e justo,
a xilite degraço
triste e amargo e certo,
o que escolheu o malvado
Deus atrapalhou e se jato,
do mal intencional.

Então Pekla calculou
que o projeto mais real
era levar o navio
a um porto principal
de lá remeter a carta
com destino a Portugal

O leitor já leu a carta
que ele mandou escrever,
a carta escrita por Paulo
foi para Minerva ler,
pois a letra do marido,
basta de conhecer

Formalou todos os paleiros
 porém a filha mais nova
 foi com o zé que a mulher
 se chamava Macaryna
 depois rapa de tres annos
 dizia o nome com a
 e nome de Macaryna
 e mandou e fez a filha
 de outro fôr a sua
 e disse para a filha a serva
 e falam as outras seguem
 com p... crelo as leva

Era uma tarde de abril
 o vento estava ligeiro
 o espaço estava limpo
 não havia um nuvem
 quando a casa de...
 se ali estava a...
 e serva f...
 e em campo de...
 perguntou...
 e a filha...
 não...
 para Minerva de Alentejo

Minerva estava na...
 e logo compulda...
 era uma carta de...
 que...
 dizendo que...
 em setembro de...

As...
 e...
 esta a...

perdes e a perda do
tempo das coisas que se fazem
nao pode ser evitada

1. The first part of the document is a list of names and their corresponding addresses. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

Dep't of Education

o americano Pel
del a
Lu
dell

1. The first step is to identify the problem.
 2. The second step is to analyze the problem.
 3. The third step is to develop a solution.
 4. The fourth step is to implement the solution.
 5. The fifth step is to evaluate the solution.

Mante na sua Maleta
precaras a certidão
e o também a feivel
papel e embarcação
no mais sou um seu criado,
Cristovão Carlos Galvão

Abriu então outra carta
vinda que Paulo a escrevera,
pela a letra do marido
certo é que a conheceu,
tinha sido um plano certo
que o traidor concebeu

Então Minerva diz a
 oh vida sem esperança
 perdi meu pai lá e a casa
 casei-me com uma criança
 ficar viva assim tá a vida
 uma alma assim não se aguenta

Margareta a sua vida
 em silêncio se abogava
 o mal do seu pai
 rancor se criou
 conta de dez mil libras
 a vida não se aguenta

Minerva ficou a ver
 exclamou: meu Senhor
 Deus é a minha verdade
 meu pai e meu protetor
 ora! por esta infeliz
 meu fuso por vós, amor

É vós oh Virgem Maria
 bem sabeis qual é a pena
 pois na morte de teu filho
 passaste uma horrível cena
 dal-me o conforto que destes
 à coitella Maria

Depois de oito ou dez dias
 foi despedido o malito
 disse Minerva da horta
 eu seiinha mesmo trato
 ele dizia consigo
 eu dou-te lição de gato

Depois de um a dois meses
 o Peking appareceu
 foi a casa de Minerva

e ela não o recebeu
 porque quando ~~o~~ eu ele falar
 o coração lhe bateu
 O tra-dor não sabia
 de que havia de achar
 a força era impossível
 tinha a lei para empatar
 pensava de ~~o~~ e de ante
 já mal podia empregar

Ele escreveu a Minerva
 falando do ocorrido
 dizendo eu fui o maior
 amigo de seu marido
 e tenho uma carta dele
 que está nesse papel

Desejava a sua mão
 visto lhe ter amizade
 pois desejava fazer
 a sua felicidade
 sou n.º, rico e solteiro
 devo ter prosperidade

Minerva manteve dizer-lhe
 que estava agradecida
 dele ter essa lembrança
 em fazer dela escravidão
 já tinha jurado a Deus
 desprezar tudo na vida

Pekia pediu a uma filha
 lhe pedindo que fizesse
 com que Minerva amansasse
 a ela mesmo, dissesse
 podia pedir a ele
 a quantia que quisesse

Então a freira lhe disse
 que sabia uma coisa,
 que queria abraçá-la
 e qual era a coisa
 ainda se não lhe fora
 quanto, mas quem o queria
 a freira foi a menina
 com um coração fagido
 e lá três noites que se passou
 com a alma do seu marido
 que não podia fazer por mim
 e lá tanta vez pulido

Pela manhã foi a freira
 tudo que lhe passou
 ao não se contar modo
 que foi Paulo assassinado
 mas o resto do segredo
 lhe havia revelado
 a menina disse e trouxe
 que esta freira quer armar
 mas o segredo da carta
 onde ela podia achar?
 disse a freira sem Deus
 pode obrigar me a casar

A velha voltou e disse
 eu não pude fazer nada
 a viúva é uma fera
 não dá nem t me chegada
 ouve falar no marido
 chora como uma lanada
 Peste suspirando disse
 foi debalde o meu lutar!
 a freira disse, eu vou ver

se a posso narcotizar
 disse Pêko é o meio
 porque a preso pular

É a bardo e prevenia
 a toda tripulação
 dizendo: hoje não sai
 ninguém dessa embarcação,
 se a não se a maridarem
 que tinha de saíção

Foi onde estava a freira
 disse ela preparei
 levei o liquid dequi
 que com um quimico arrumei
 achei ela dissolvida
 no bula de cá batel

Al Pêko disse a freira
 existe aqui um malato
 que foi empregado dela
 o Aureliano Gato
 correto foi o segredo
 a freira disse eu o mal

Chamei o mal to e deu-lhe
 o venço e ele bebeu
 com dez minutos depois
 na sala ele morreu
 disse a freira a hora é própria
 ele já al morreu.

Levaram uma chave falsa
 e m ela abriram a porta
 abriram a porta da frente
 passaram pelo salão
 estavam Minerva e a sis
 dormindo ao pé do fogão

Então trazia um berço
da forma de uma liteira
e disse siga com ela;
e aí matou a liteira
deixando-a sobre o sofá
disse fica aqui a liteira

Quando Mervyn acordou
em um leito importante
não amar-te solerbo
um joelho gelante
nas curvas das cortinas
em um quarto imbrilhante

Aí Mervyn acordou
e viu P... a sua liteira
exclamou: "Que coisa é esta?"

Dele terá me enganado?
onde está o meu marido é esta?"
ol. Deus! Mas meu estado

... na liteira do leito
se afogou a soluçando
... perdo' minha beleza
exclamou se lastimando,
perdo' a este tolo
que aqui está te adorando!

Então perguntou Mervyn,
como foi que vim aqui
será por acaso um sonho
não é porque não dormi
por caridade me diga
quem é tu que estás aí?

... respondeu Peking
aquele que te escreveu
que casaria teu marido

no dia que faleceu
 ela aí leu uma sincope
 fechou os olhos e gemeu
 'Pekín foi ver chorar até
 pediu para ela aceitar
 Minerva aí lembrou
 que era feio recusar
 Pekín deixou a senhora,
 para não a perturbar

Minerva com Margarida
 estava em uma conversa
 sem saberem porque me o
 lhe fizeram aquela peça
 então Margarida disse
 ele a senhora confessa

Finja lhe ter amizade
 exija uma condição
 de lhe respeitar a honra
 enquanto não der lhe a mão
 só assim nós poderemos
 sair desta embarcação

Chegou Pekín muito alegre
 Minerva o cumprimentou
 Pekín ficou tão contente
 que de alegre não falou
 fitando os olhos em Minerva
 como uma estatua ficou

Dessa Minerva o senhor
 pede um favor me fazer?

Não sendo para deixar te
 o mais fácil é obter,
 tudo que fosse meu sangue
 que desejasses beber

O senhor, trouxe-me aqui
me diga qual intenção?
isto perguntou Minerva
na maior perturbação
então respondeu Pekin
meu desejo é dar-te a mão

—Pois bem, respondeu Minerva
visto querer me asposar
quero pedir ao senhor
que queira me respeitar
só me considero sua,
no dia que me casar

Pois não, respondeu Pekin
você está em seu direito,
com esta resolução
eu fiquei mais satisfeito,
já conheci que a senhora
exige muito respeito

Disse Pekin a Minerva
pode escolher o país
aonde quiser casar
haja eu me julgo feliz,
disse Minerva p'r mim
dou preferência a Paris

Pekin ficando o presente
revelou todo passadio,
o mulato que a freira
tinha o envenenado,
disse que a freira foi morta,
por mão de l seu empregado
Descobrii mais pela forma
que a tinha nascido,
condenando só a freira

dizendo a ter enganado
e levantando mais outra
da frente ao falso recado

Minerva pediu a ele
que passasse por Cadi
já era quem pagar
uma promessa em Madri
para rever uma igreja
do santo que havia ali

Disse Pekin não há dúvida
é perto, posso passar
demorei lá uns dois dias
deu tempo a você chegar
agora lembrou-me até
tenho um negócio a tratar

Chegará então a Cadi
Minerva lhe quis chamar
pois assim era mais fácil
Pekin não desconfiar
diz ele vai meu criado
não tem o que recear

Alugou o melhor carr
que na porta apareceu
mil coiza de ouro em joias
a Minerva Fekín deu
perguntou ele a Minerva
acelta o abraço meu?

Atent respondeu ela
sentido na alma um assombro
Minerva quase que m-re
dando um pequeno t-mbo
e, e com muito respeito
pôs-lhe a mão sobre o ombro

Saíram e Balafer
também a acompan. ou
ele se arrependeu tarde
e aí desconfiou
ele sabia o que fez
o remorso o arrebou

Chamou um criado velho
e disse: você vá
a Madri. não perca tempo
veja o que se passa lá
se houve causa contra mim
telegrafe para cá

Ele chegou em Madri
logo ao entrar na cidade
Minerva se dirigiu
a primeira autoridade
faz cliente ao comendário
de sua infidelidade

O comandante dali
era um homem justiciero
prendeo no mesmo momento
o criado e o leleiro
telegrafou pra Cadi
que prendesse o tralpoeiro

Foram o criado velho
de tudo tala sabido
telegrafou a Pekin
patrão negocio perdido!
telegrafou noutro nome
para não ser conhecido

Pekin com essa noticia
conheceu a perdição
abriu o ferro da barca

que estava de prontidão
 vende a hora p'ra a justiça
 p' dia lançar lha a mão
 Bulstef d'acbein tudo
 quando foi ao tribunal
 Minerva tom' o trem
 regressou a Portugal
 ficando ali nos cuidados
 da força policial

Pekín pensava em Minerva
 rugia como um leão
 dizendo antes perdesse
 a miúda tripulação
 até mesmo a própria barca
 fosse de encontro a um telão
 Vamos tratar sobre Paulo
 quando o tiro recebeu
 calado dentro do rio
 na correnteza desceu
 depois pegou-se em um pau
 segurou-se e não morreu

Quando foi no outro dia
 o marinhetro o achou
 Paulo estava quase morto
 um marinhetro, sei eu
 pôde lhe extrair a bala
 depois a fistula secura
 Não sabia porque forma
 tinha sido essa tração
 Paulo não tinha t'umigo
 disse o marinhetro então
 foi a mulher, não foi mais nada
 que causou essa questão

Minha mulher disse Paulo
 não creia em me trair
 respeitava minhas vontades
 ainda que eu não expressasse
 não creio nada de mais
 por e stigo permitia

Estavam ali há dois anos
 comendo carne montes
 um dia estavam sentados
 se maldizendo talvez
 quando viram na bandeira
 de um hute português

Paulo pediu socorro
 veio um bote os a socorrer
 Paulo saltava tão
 que não podia contar
 depois de cinco ou seis horas
 foi quando pôde falar

Finalmente Paulo
 à sua terra natal
 com seis meses de viagem
 chegou ele em Portugal
 jurou de não fazer a barba
 antes de ver os pais

Paulo saiu e logo
 para sua aldeia
 eram três horas da tarde
 quando bateu na porta
 Margarida quando viu
 gritou logo é um ladrão

Ladrão o pai Margarida
 Paulo logo respondeu
 não sou Paulo de Alentejo

Margarida entureceu
 dizendo meu amo não
 esse há deis anos morreu!
 E chamam pela polícia
 deram-lhe vez de prisão
 disse Paulo diga a Minerva
 que chega aqui no portão,
 Minerva de longe vendo
 confirmou é um ladrão!

Minerva costada vendo
 o que tinha acontecido
 devilo a carta de Paulo
 que já tinha recebido
 não podia vir-lhe à mente
 que aquele fosse seu marido
 Paulo quando viu Minerva
 deu-lhe uma stupor calu
 soltou um grito tão grande
 que a mulher do quarto ouviu
 exclamou: ah que desgraça
 minha mulher me trai!

Nada mais disse a polícia
 e seguiu para a prisão
 dando-lhe muita vertigens
 naquela perturbação
 estava da cor de tinta
 e sangue de derrogação
 No outro dia às dez horas
 Paulo foi interrogado
 porem nada respondeu
 depois de ser perguntado
 isto chega o marquete
 que a Paula tinha salvado

Se o comandante está preso?
perguntou o ministro
o juiz lhe perguntou
contou o prisioneiro.

Com esse grumete
pouco se sabe de Almeida?

Paulo não disse o juiz

Paulo faleceu a morte

Não sei e respondeu Paulo

o poder de Deus é forte

a mulher mandou matar me

mas Deus revogou a morte

Mas quem é sua mulher?

Interrogou o juiz

Não é Minerva de Almeida?

o ente mais infeliz,

interroga este grumete

que sabe tudo e lhe diz

Então o grumete disse

tudo que tinha se dado

dos os sinais de Pekin

mas com o nome mudado

o juiz disse sobre Paulo

você está mal informado

—Dr eu não sou criança

respondeu Paulo de Almeida

minha mulher me traiu

com aquele traço e ro

e para melhor provar

foz me até prisioneiro

Vá chamar dona Minerva

disse o juiz a um soldado

disse Paulo antes de quero

ser agora degolado
do que olhar a mulher
por quem eu sou roubado!

Dou-lhe a metade do tesouro
se quiser da minha
e eu me vou para sempre
e mais não quero saber
de súbito chegou Maria
Paula não pôde falar

Quando Maria chegou
que conheceu o marido
pensou logo em fugir
que já não podia
devido a barba de Paulo
que muito tinha crescido

Catcha a mão de Paulo
e lhe pediu por caridade
que lhe deixasse suas coisas
indo com a caridade
dizendo creia que Deus
não o conhecia nem a tarde

Mother exclamava Paulo
linda não estás com medo
de mandar me tirar a vida
por meio de uma cachaça?
mostrou-lhe a batula do tiro
que ainda não estava suja

Te iludiste com um malvado
projetando me a levar
eu para ti já morri
nada mais tenho a dizer
linda chegou incofante
tu me mandaste prender!

Mierva exclamou ol' Paulo
 não me exalte em isso
 eu estive com o velho
 como um filho de mãe
 Deus vai te ajudar
 livrou do perigo

ela d'povo e a corte
 que a rejeitaram
 e a corte de Paulo
 e a corte de Paulo
 Mierva e perguntou-lhe
 lá foi você que escreveu

Paulo se fez as tais cartas
 deu-lhe uma satisfação
 —Foi exato, disse Paulo
 escrevi-as com minha mão
 e contou a tudo
 como se fez a traição

Da diuerna me perdoa
 a minha grande maldade
 tive razão de cismar
 pois que deu-se ontem a tarde
 eu ainda hei de vingá-lo
 de tudo o que me covarde

Paulo comprou um furo
 então se lançou ao mar
 disse a Mierva vá
 por mim não tem de cuidar
 vou por tof e a furo
 até Pekin e voltar

que deu-lhe a morte
 e a furo e a furo
 levaram o furo e a furo

para passar mais de um ano
 lá o destino mais firme
 de se voltar corpo e alma

Andaram mais de seis annos
 sem poder estabelecer
 uma noite muito escura
 viam um farol no mar
 e não a luz de dele,
 para se certificar

É Pekin disse o xomete
 eu começo o fare, dele
 navio ancorado ali
 ou é pirata ou é ele
 disse Paulo se preparem
 vamos fazer fogo nele

Disse um velho marinheiro
 faça-se averiguação
 pela ser algum navio
 de outra qualquer nação
 Disse Paulo se for ele
 eu quero pegar lhe a mão

Com mais de duas horas
 tudo ali se avançou
 Paulo apontou a luz de dele
 que era a luz do navio
 que lei lá que era Paulo
 achou o farol e correu

Paulo seguiu atrás dele
 como um cão feroz
 com um canhão e um hidroscopo
 dançou e tocou a tocação
 em volta da viagem
 Paulo não teve um repouso

Correram vltas e seis dias
 pelo mar desconhecido
 passaram calms e estreitos
 onde o aquiem floua id
 disse Paulo eu me vingo
 ou a mar sea e agito do
 Um dia pelas seis horas
 o rei si desgraçou-se
 o barco lá ta' veloz
 bateu numa pedra e furou-se
 não tinha mais o que fazer
 Pele a si entregou-se

Miserável exclamou Paulo
 estás agora em meu poder
 aqui mesmo eu não te mato
 pois Minerva há de te ver
 outra preta em Portugal
 mas te eu não firoa correr
 Ele nada disse e Paulo
 perdeu de tudo a aqua
 espumava pela boca
 se parecia um leão
 com o ferro nos ferros
 e levou-o no porão

Chega a preso em Portugal
 e quando chegaram a
 a justiça veio ver
 Minerva se apresente
 assim que ele viu Minerva
 ella se exclamou

Ainda preso e já tão morto
 nessa desgraça em que estou
 tem o prazer de olhar

esta que me afilava
acanhada em
neste momento

Parece que faz a barba
põe a mão na
largos e de mar
tem a sua razão
fazer a mulher
na antiga e alta

No enterro de
foi no dia
o papel de um
muito com a
feito por
a pro

seguinte.
em selte ro
em a justos
berdeiro
em a presuldo
Alheiros

Ainda mais
assassinado
declarar
todas as coisas serão dela
dona Minerva e Alheiro
tem tod

desempedido
santana e heiro
não tem pai e nem mãe
nem quem seja meu berdeiro
assaram as letras do banco
onde ela tinha dinheiro

Encontrou-se outro papel
 onde Pekin escreveu
 a exclamação que fez
 quando a Minerva perdeu
 amaldiçoou o dia
 e a hora em que nasceu

«Minerva, anjo divino
 doce e feliz companhia
 flor das flores, anjos dos anjos
 se eu tornasse a ver-te 1 dia
 ainda tu me matando
 a morte eu não sentiria

Sem ti eu me considero
 barco sem vela e sem norte
 morrendo em tua presença
 não julgo ruim a sorte
 vendo a tua linda imagem
 na hora da minha morte!

De que me servem os milhões
 que tenho de contos de réis
 não possuindo uma jóia
 de valor quanto tu és
 antes eu pedisse esmola
 comendo o pão a teus pés!

O cão que tinhas na horta
 era mais feliz que eu
 pois tu sorrindo passava-lhe
 a mão pelo lombo seu
 que gloria! que encanto doce
 aquele cão recebeu!

Sou um pobre desgraçado
 da sorte desprotegido
 amei e não fui amado

quê, tanto e não fui querido
 dinheiro não é fortuna
 se fosse eu era servido!

Com todo desprezo seu
 não maldigo o nome dela
 antes peço a Divindade
 que não desampare ela
 é muito raro encontrar-se
 outra mulher como aquela!

Estava em meu poder seis meses
 com toda dignidade
 seu caráter para mim
 tinha toda autoridade
 eu era o vassallo dela
 ela, real majestade!

Oh! Minerva, safo ditoso
 o quanto bela tu és
 eu sou como um cão leproso
 nas agonias cruéis
 suplica amores ao dono
 o dono mata lhe os pés!

Eu morrendo o que possuo
 ficará em nome teu
 te peço por tua honra
 aceita tudo que é meu
 quero que goze meus bens
 em mais feliz do que eu!

Deus queira guiar-te os passos
 lá por onde tu andares
 eu carpirei o destino
 aqui nas ondas dos mares
 onde falta-me a alegria
 onde sobra meus pezares!

Onda o silencio me traz
 recordação dolorosa;
 momento que me julgava
 ser a alma mais ditosa
 porque olhava um momento
 tua imagem melindrosa!

Pois eu nunca tinha visto
 nne olhos como estes teus
 olhar de um fluido atrevido
 que cativaram os meus
 de cada vez que olhava
 via um sorriso de Deus!

— Não queremos nada dele
 disse Paulo a mulher
 todo testamento dele
 fique para quem quiser
 nós não queremos tocar
 em nada que ele tiver

Disse o juiz; nesse caso
 se lembre da caridade
 mande tirar o diabreiro
 e comprar propriedade
 para remir a pobreza
 e criar a orfandade

Levaram a procuração
 Minerva então assinou
 fez presente a caridade
 nela também não tocou
 deu tudo aos desamparados
 amparando as desgraçados
 com o diabreiro que ficou

— F I M — Juazeiro, 27-12-76

Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

AGENTES:

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Calé São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 838 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — RN.

MARIA JOSÉ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSE DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 895
Lote 4, Ruai de Onibus, 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES

Av. Santana do Ipanema, 315
Bairro Cruz das Almas — Macaé — Al.